

**PASSEIOS LÉXICO-FILOSÓFICOS PELO INDO-EUROPEU,
PELO GREGO, PELO LATIM E PELO PORTUGUÊS
NO TOCANTE ÀS NOÇÕES DE TEMPO**

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

luizpeel@uft.edu.br

Antonio Cilírio da Silva Neto (UEMA)

antonioneto5@professor.uema.br

RESUMO

Este texto tem por objetivo passeios semânticos por vocábulos e raízes que indicam tempo nos campos do indo-europeu, da língua grega, da língua latina e da língua portuguesa, com considerações também por outras línguas; sendo que seus étimos, suas nuances de sentido e produtividades filosóficas nos convidam a um flunar lúdico pelo léxico e pela filosofia. Essas raízes, desde que experimentadas por meio de rizomas filosóficos, compuseram um quadro riquíssimo vivenciado e explicado por Bergson (2009), Simondon (2020), Deleuze e Guattari (1991; 2012), e por outros pensadores que cartografaram ‘affectos’ e conceitos a partir de seu uso como terminologia filosófica. Temos como referências principais os dicionários, as etimologias e os vocabulários de Benveniste (1969), Casevitz (1985), Corominas (1987), Cunha (1982), Curtius (1869), Ferreira (1975), Fontinha ([s.d.]), Fontoynt (1958), Gaffiot (1934), López-Menchero ([s.d.]), Martin (1985), Moura (2007), Nascentes (1966), Oliveira (2017; 2018; 2019; 2020), Pokorny (1959), Rezende e Bianchet (2014), Roberts e Pastor (1997), Saraiva (1993) e Torrinha ([s.d.]), dos quais tiramos nossas incursões, além da obra de Viaro (2011; 2004), acerca da etimologia. Consideramos que, ao vivenciarmos vocábulos, experimentamos signos e semioses com proficuidade sensível e lógica, porque as palavras são como senhas, nos ajudam a abrir espaços sensíveis e cognitivos.

Palavras-chave:

Etimologia. Língua Portuguesa. Léxico e noções de tempo.

ABSTRACT

This text aims at semantic walks through words and roots that indicate time in the fields of Indo-European, Greek, Latin and Portuguese, with considerations also for other languages; and its etymologies, its nuances of meaning and philosophical productivity invite us to a playful stroll through the lexicon and philosophy. These roots, as long as they are experienced through philosophical rhizomes, make up a very rich framework experienced and explained by Bergson (2009), Simondon (2020), Deleuze and Guattari (1991; 2012) and by other thinkers who mapped ‘affects’ and concepts from their use as philosophical terminology. We have as main references the dictionaries, etymologies and vocabularies of Benveniste (1969), Casevitz (1985), Corominas (1987), Cunha (1982), Curtius (1869), Ferreira (1975), Fontinha ([s.d.]), Fontoynt (1958), Gaffiot (1934), López-Menchero ([s.d.]), Martin (1985), Moura (2007), Nascentes (1966), Oliveira (2017; 2018; 2019; 2020), Pokorny (1959), Rezende and Bianchet (2014), Roberts and Pastor (1997), Saraiva (1993) and Torrinha ([s.d.]), from which we take our incursions, in addition to Viaro’s work (2011; 2004), on etymology. We consider

that, when we experience words, we experience signs and semiosis with sensible and logical proficiency, because words are like passwords, they help us to open sensitive and cognitive spaces.

Keywords:

Etymology. Portuguese Language. Lexicon and notions of time.

1. Introdução

Neste pequeno texto passaremos pelos bosques do indo-europeu, do grego e da língua portuguesa no tocante a vocábulos e a raízes que indicam tempo; procurando seus étimos, suas nuances de sentido e suas produtividades filosóficas em nossa língua nacional.

O vocabulário da língua portuguesa relativo às noções de tempo tem muitas raízes oriundas do indo-europeu; dentre essas, tão antigas e tão ricas, há muitas que nos convidam a um flunar léxico-filosófico. Essas raízes, desde que experimentadas por meio de rizomas filosóficos, compõem um quadro riquíssimo já vivenciado e explanado por Bergson (2009), Simondon (2020), Deleuze e Guattari (1991; 2012), e por outros pensadores que cartografaram “afectos” e conceitos a partir de seu uso como terminologia filosófica.

Nossos passeios têm como referências principais os dicionários, as etimologias e os vocabulários de Benveniste (1969), Casevitz (1985), Corominas (1987), Cunha (1982), Curtius (1869), Ferreira (1975), Fontinha ([s.d.]), Fontoynt (1958), Gaffiot (1934), López-Menchero ([s.d.]), Martin (1985), Moura (2007), Nascentes (1966), Oliveira (2017, 2018, 2019; 2020), Pokorny (1959), Rezende e Bianchet (2014), Roberts e Pastor (1997), Saraiva (1993) e Torrinha ([s.d.]), dos quais tiramos nossas incursões pelo vocabulário e pelas raízes aqui destacadas; além de flanares teóricos pela obra de Viaro (2011; 2004), acerca da etimologia.

2. Passeios e flanares pelos bosques léxico-filosóficos

Antes de começarmos nossas andanças léxico-filosóficas, cabe uma ressalva, ou um pequeno lembrete: alguns dos vocábulos pesquisados têm sua raiz hipotética no indo-europeu; outros, não – daí nossos enleios terem origens remotas diferentes, alguns com milhares de anos de existência; outros com um pouco menos, mas, mesmo assim, muito antigos.

A primeira raiz de nossas andanças tem produtividade no sânscrito, no grego, no latim e na língua portuguesa, além de aparecer muito produtivamente em outras línguas neolatinas ou neogermânicas, sendo que, a seguir, compilamos a raiz original e suas correspondentes em outras línguas, para que o leitor possa observar sua fecundidade por si mesmo (e, quando nos referimos à produtividade, queremos mostrar-lhe não só a fertilidade da raiz, mas também a do leitor, já que os signos têm a capacidade de nos suspender de nossas leviandades cotidianas, principalmente quando estiverem num meio associado com potenciais estéticos ou técnicos):

- **INDO-EUROPEU:** *aiw-* [força vital, vida, eternidade]
- **Sânscrito:** *áyu-* (“força vital”);
- **Grego** (com sufixo **aiw-en-*): *αιών* (“tempo”, “idade”, “época”);
- **Latim** (com sufixo **ai-wo-*): *aevum* (“idade”, “eternidade”);
- **Português:** *coevo* (prep. *cum*); *longevo* (lat. *longus*); *medievo* (lat. *medius*);
- **Latim** (com sufixo **aiwo-tāt-*): *aetās* (“idade”);
- **Português:** *idade*;
- **Latim** (com sufixo **aiwo-terno-*): *aeternus*;
- **Português:** *eterno* (“que não tem princípio nem fim”).

O vocábulo *aiôn* está presente na filosofia grega desde os seus primórdios, indicando a intensidade e a força vital, o tempo incorporal, a eternidade do presente ou o tempo das crianças, podendo ser entendido como o não tempo, dentro de uma compreensão que só seriam tempo o passado e o futuro, que existem e que podem ser vivenciados e percebidos.

Na arte, o *aiôn* surge brilhantemente nos momentos da criação, tanto do artista quanto do receptor em suas vivências estéticas, por ser força vital e fecunda. O *aiôn* é, também, o entretempo dos devires artísticos; é o entretempo da diferença estética no próprio sujeito; é a eternidade aorística do presente, ou da presença; é o entretempo e a eternidade da vivência de perceptos e de afectos, constituindo-se como um verdadeiro corte no tempo, como a entre temporalidade mais genuína.

A raiz indo-europeia *aiô-* traz já, como força vital, toda essa carga semântica intensa de todos esses entretempos – entretempos genuínos da eternidade contida na contemplação estética. O *aiôné*, então, o tempo da

percepção e da permanência dos perceptos – conjuntos de sensações que permanecem após as experimentações estéticas.

Nossa escolha pela raiz *aiô-*, para iniciar nosso percurso léxico-filosófico, justifica-se, certamente, pela conjunção dessas duas noções, a de tempo e a de força vital num só vocábulo: o *aiôn*, para os gregos e para a filosofia, é o tempo vivenciado como força criativa – vital por excelência –, ou seja, é o tempo da experimentação estética, como já dissemos.

Aiôn, para os gregos, convém repetir em função da intensidade do conceito, é também o tempo-criança, o tempo incorporal, o tempo da picnolepsia indica, também, uma temporalidade não numerável nem sucessiva (Cf. VIRILIO, 2015).

O vocábulo picnolepsia remete a uma outra raiz do indo-europeu, a raiz *leb-*, “pendurar” ou “suspender”, e a suas mutações ou variantes latinas, portuguesas e grega, conforme indicado a seguir:

- **INDO-EUROPEU:** **leb-** [pendurar, suspender]
- **Latim** (variante **lab-*): *lābor* (“deslizar-se”, “cair”);
- **Português:** colapso (“caído juntamente”, “ruína coletiva”); *lab-* (“cair”, “escorregar”); *lábil* (“escorregadio”); *labefactação*; *labefactado*; *labefacto*; *labefactar* (“abalar”, “arruinar”); *laps-* (“queda”); *lapso* (“queda”); *relapso* (“reincidente”); *lava*;
- **Latim** (com sufixo **lab-os-*): *labor* (“carga”, “esforço”);
- **Português:** *colaboração*; *colaborado*; *colaborador*; *colaborar* (“trabalhar juntamente”); *elaboração*; *elaborado*; *elaborador*; *elaborar* (“fazer com cuidado”, “preparar um trabalho”); *labor* (“trabalho”); *laborar* (“trabalhar”); *laborioso*; *laboratório*; *lavoura*; *lavrar*;
- **Grego** (com vocalismo “o” –**lob-*): *λοβός* (“parte arredondada dos órgãos”, “lóbulo”);
- **Português:** *lobo* (“parte arredondada dos órgãos”, “lóbulo”); *lobular* (“do lóbulo”); *lóbulo*; *lobuloso*;
- **Grego** (variante **lab-*): *συλλαβή* (“sílabas”, “letras tomadas juntas para formar uma só emissão de voz”); *ἔλαβον* (“aoristo 2 de *λαμβάνω* – tomar, prender”);
- **Português:** *sílabas*; *silabário*; *monossilábico*; *monossílabo*; *dissílabo*; *trissílabo*; *polissílabo*;

- **Grego** (variante *lep-*, por contração): ἐπιλήψομαι (“futuro de λαμβάνω – tomar, prender”);
- **Português**: catalepsia; epilepsia; epilético; picnolepsia; picnoléptico;
- **Grego** (com sufixo *-ma*): λῆμμα (“lema”);
- **Português**: dilema; lema.

A raiz *leb-* não indica propriamente tempo, mas a ele se relaciona, já que sugere, no vocábulo picnolepsia, uma suspensão da atenção, uma saída do tempo presente ou uma vivência da eternidade do presente.

Discutindo o conceito de picnolepsia, Virilio (2015) o apresenta como um tipo de ausência que ocorre principalmente com as crianças (acontece frequentemente também com os artistas ou com quem contempla esteticamente uma obra de arte). Para o arquiteto francês, a picnolepsia dura apenas alguns instantes, com início e com fim bruscos; sendo que, durante o processo, os sentidos restam despertos, mas fechados para as impressões externas.

A outra parte do vocábulo associada à raiz *lep-* (variação de *leb-*), a palavra “picnos”, também tem a mesma origem, a língua grega, e significa “frequente” – o que marca a frequência dos estados picnolépticos (estados que nos escapam, mas que nos acrescentam por sua ludicidade).

Chegando à brincadeira, e às suas incertezas, às suas circunstâncias dessincronizantes, podemos afirmar que essas incertezas do lúdico renovam as incertezas picnolépticas (Cf. VIRILIO, 2015), posto modificarem os efeitos do real. Se assim pensarmos e acrescentarmos o modo estético de criar e de sentir o objeto artístico, poderemos concluir, como fez Virilio, que a brincadeira seria a arte simples.

Concluamos, ainda com esse autor, que a busca pelas formas se concretiza, esteticamente, como a busca de tempos – de tempos perdidos e de tempos incertos. E, no caso da picnolepsia, como não há formas estáveis, nem tempos estabilizados e fechados, a criação artística pode brotar com toda a sua força inventiva.

A criança tem o maior número de suas crises picnolépticas quando ainda é infante (*infans*, não falante); quando passa a articular plenamente o discurso, as crises vão rareando até sumir. O artista, quando cria, também é infante, assim já o disse Picasso, ao falar que desenhava como uma criança; o artista, quando cria, assume o corpo sem órgãos de Artaud

(1975; 2019), e de Deleuze e Guattari (1991; 2012), expressando e desenvolvendo a sua corporalidade aorgânica.

Virilio (2015) afirma que o acometimento picnoléptico pode ser considerado como uma liberdade humana, na medida em que possibilita uma margem para cada um inventar suas próprias relações com o tempo, o que levaria para bem longe a desigualdade entre os espíritos.

Mas, infelizmente, a razão orientada pela tábula rasa, nega qualquer valor ativo às ausências individuais (e coletivas); e, com isso, cada vez mais a criação estética é substituída por formas nulas e vazias de paradoxos e de incertezas criativas, que não constituem perceptos e que nem criam afectos capazes de se constituírem como potências de agir e de existir. Mas, deixemos esses devaneios aorgânicos e retornemos aos nossos passeios lexicais.

Uma outra raiz indo-europeia que se refere a tempo é a raiz *deuə-*, que traz a noção de duração, conforme indicamos a seguir, por meio de suas mutações latina e portuguesa:

- **INDO-EUROPEU:** *deuə-* [largo (duração)]
- **Latim** (grau zero e sufixo **dū-ro-*): *durō* (“durar”);
- **Português:** durabilidade (“qualidade de durável”); duração (“o tempo que dura”); duradouro (“que dura muito”); durante (“no tempo de”); durar (“continuar a existir”); durável (“duradouro”); perdurar (“durar muito”).

Em nosso passeio léxico-filosófico, essa raiz se torna importante na sua conjunção com a raiz *aiô-*, já que essa conjunção pode fazer com que surjam perceptos, que, como já foi dito, correspondem aos conjuntos de sensações que duram (permanecem) após a contemplação estética – a duração que resulta do tempo *aiôné* importantíssima no jogo da arte e, sem ela, a verdade artística, como conjunto de sensações que permanecem e que não são esquecidas restaria nula – apagada e esquecida. Os perceptos, conseqüentemente, indicam a duração persistente do *aiôn*, sua permanência como sensação.

Há, ainda, os vocábulos gregos *καίρός* (raiz *kair-*) *εχρόνος* (raiz *chron-*), que apresentam outras duas noções de tempo; *καίρός*, no entanto, não chegou à língua portuguesa como raiz produtiva – sendo usado apenas como termo filosófico ou religioso. Enquanto *εχρόνος*, é utilizado como constituinte de palavras formadas por composição, já que o vocábulo “crono” (tempo) é pouco usado. Assim, a raiz *chron-* apresenta pro-

dutividade por meio da criação de vocábulos por composição, conforme indicamos a seguir:

- **GREGO:** *chron-* [tempo]
- **Português:** *cron* (“unidade de tempo evolutivo, correspondente a um milhão de anos”); *cron(o)-* (“tempo”); *cronaxia* (“o menor tempo necessário para que um músculo seja colocado em ação por uma corrente elétrica”); *crônica* (“narração histórica”, “pequeno conto”, “seção ou coluna de jornal”); *cronicidade* (“qualidade de crônico”); *crônico* (“relativo a tempo”, “que dura há muito”); *crônicon* (“volumosa crônica medieval”); *crôniqueiro* (“cronista”); *cronista* (“quem escreve crônicas”); *cronografia* (“cronologia”); *cronográfico* (“relativo à cronografia”); *cronógrafo* (“instrumento para medir tempo”); *cronograma* (“representação gráfica da previsão da execução de um trabalho”); *cronologia* (“tratado de datas históricas”); *cronológico* (“relativo à cronologia”); *cronologista* (“especialista em cronologia”); *cronometragem* (“ato ou efeito de cronometrar”); *cronometrar* (“registrar o tempo de modo preciso”); *cronometria* (“técnica da medida dos intervalos de tempo”); *cronometrista* (“o que cronometra”); *cronômetro* (“instrumento de precisão que marca os intervalos de tempo”); *crônônimo* (“designação de divisões do tempo”).

Porém, convém desvendá-los um pouco mais, já que permitem passeios léxico-filosóficos. O vocábulo *καρπός* indica o momento ou o tempo oportuno, a ocasião; podendo indicar, ainda, o tempo conveniente ou útil ou oportuno.

O tempo da arte, o *aiôn*, é assim um tempo oportuno para a criação e para a contemplação estética. Dessa forma, quando houver realmente criação ou contemplação em relação à arte, haverá conjunção do *aiôn* com o *kairós*, numa profusão de afectos e numa persistência de perceptos.

Já em relação ao tempo cronológico, temos a criação em sua suspensão picnoléptica, como já o dissemos: como o mundo é uma ilusão, cabe à arte apresentar a ilusão do mundo (Cf. VIRILIO, 2015), o que pode ser vivenciado e contemplado esteticamente quando houver, de fato, suspensão picnoléptica de nossas consciências mundanas.

Daí, o tempo-criança, o tempo oportuno e o momento picnoléptico permitirão que as sensações nos libertem do cronologicamente certo e imposto pelos dispositivos rígidos e fechados da máquina dominante.

Uma última raiz pela qual passearemos é a da palavra tempo, *temp-*, que indica a ação de estirar:

- **INDO-EUROPEU:** *temp-* [estirar]
- **Latim:** *tempus* (“o espaço que a vista descortinava ao redor”, “pele estirada do olho à orelha”, “sucessão de minutos, horas, dias, semanas, meses e anos”);
- **Português:** tempestade; tempo; temporal; temporalidade; temporâneo, temporário;
- **Persa** (grau zero **tǝp-*): *tāftan* (“tecer”);
- **Português:** tafetá (“tecido de fina trama”).

A raiz *temp-* expressa, portanto, o tempo cronológico, aquele que é estirado para trás, o passado, ou para frente, o futuro, contrapondo-se com o *aiône* com o tempo da picnolepsia.

3. *Considerações finais*

Considerou-se que os signos e semioses são sentidos com proficiência sensível e lógica nos vocábulos e nos ajudaram a abrir espaços sensíveis e cognitivos. Dessa forma, atingiu-se o nosso objetivo pelos passeios semânticos e pelos vocábulos e raízes que indicam tempo nos campos do indo-europeu, da língua grega, da língua latina e da língua portuguesa, levando-se em consideração as outras línguas.

Essas raízes compuseram um quadro riquíssimo vivenciado por pensadores que cartografaram “afectos” e conceitos a partir de seu uso como terminologia filosófica. Contudo, ainda se percebe que o vocabulário da língua portuguesa, relativo às noções de tempo, tem raízes oriundas do indo-europeu.

Ademais, o indo-europeu, apesar de ser uma construção linguística hipotética, pôde ser vislumbrado, desenvolvido e estudado por meio dos estudos comparativos que tanto contribuíram para que os estudos diacrônicos tivessem sucesso.

Portanto, por meio de vasta bibliografia, pudemos observar algumas de suas raízes e trazê-las até a língua portuguesa; raízes antigas e relacionadas aos primeiros constructos culturais, como o leitor pôde constatar, percorrendo o nosso passeio lexical.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAUD, Antonin. *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: LP&M, 2019.

_____. Antonin. *Para acabar de vez com o Juízo de Deus, seguido de O Teatro da Crueldade*. Lisboa: Ed. & etc., 1975.

BENVENISTE, Émile. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes: économie, parenté, société*. Paris: Les Editions de Minuit, 1969.

BERGSON, Henry. *A Energia Espiritual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Orgs). *Dicionários Escolares: políticas públicas, formas & usos*. São Paulo: Parábola, 2011.

CASEVITZ, Michel. *Le vocabulaire de la colonisation en grec ancien – étude lexicologique: les familles de κτίζω et de οἰκέω–οἰκίζω*. Paris: Klincksieck, 1985.

_____. Michel. *Philologica varia I-II*. In: *Revue de philologie, de littérature et d'histoire anciennes*, p. 225-31, 2002/2 (Tome LXXVI).

COROMINAS, Joan. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1987.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CURTIUS, Georg. *Griechischen Etymologie*. Leipzig: Teubner, 1869.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: 34, 2012.

_____. Gilles; GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Les Éditions de Minuit, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FONTINHA, Rodrigo. *Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Porto: Domingos Barreira, [s.d.].

FONTOYNONT, V. *Vocabulaire grec commenté et sur textes*. Paris: Picard, 1958.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

HAUDRY, Jean. *L'Indo-Européen*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

LÓPEZ-MENCHEREO, Fernando. *Proto-Indo-European Etymological Dictionary*. [s.d.]. Disponível em <http://dnghu.org/>.

MARTIN, F. *Les mots grecs*. Paris: Hachette, 1985.

MOURA, Geraldo de. *Radicais Gregos e Latinos do Português*. Vitória: EDUFES, 2007.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: I.N.L., 1966.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. A & B – Dicionário Etimológico do Indo-Europeu para a Língua Portuguesa (Volume I). João Pessoa: Ideia, 2017.

_____. D & E – Dicionário Etimológico do Indo-Europeu para a Língua Portuguesa (Volume II). João Pessoa: Ideia, 2017.

_____. G & K – Dicionário Etimológico do Indo-Europeu para a Língua Portuguesa (Volume III). João Pessoa: Ideia, 2018.

_____. L, M & N – Dicionário Etimológico do Indo-Europeu para a Língua Portuguesa (Volume IV). João Pessoa: Ideia, 2019.

_____. T, U, W & Y – Dicionário Etimológico do Indo-Europeu para a Língua Portuguesa (Volume VII). João Pessoa: Ideia, 2018.

_____; COSTA, Priscila Venâncio; SILVA, Rosélia Sousa. *Abecê Filosófico da Arte-Cartografia*. João Pessoa: Ideia, 2020.

PIMENTEL, Cristina de S.; PENA, Abel N. *Latim (textos – iniciação)*. Lisboa: Colibri, 1994.

POKORNY, Julius. *Indo germanisches Etymologisches Wörterbuch*. München: Francke Verlag, 1959.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do latim essencial*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ROBERTS, Edward A.; PASTOR, Bárbara. *Diccionario etimológico indoeuropeo de la lengua española*. Madrid: Alianza, 1997.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SIMONDON, Gilbert. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. São Paulo: 34, 2020.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário de latim/português*. Porto: Domingos Barreira, [s.d.].

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Por trás das palavras: Manual de Etimologia do Português*. São Paulo: Globo, 2004.

VIRILIO, Paul. *Estética da Desaparição*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.